

**EDITORIAL****Marx, os idiotas e os imbecis**

Um título é um título... nada mais que isso. Rogamos que não faça o leitor qualquer pré-julgamento antes que nos expliquemos.

Embora um anti-marxismo bem pouco inteligente insista em ver em cada sombra que se move um espectro do comunismo, não teríamos nós a deselegância de chamar de idiotas aos críticos teóricos que nunca leram o autor; não chamaríamos tampouco imbecis aos ativistas de janela, a batucarem utensílios que até então desconheciam, num brado histérico que urgia a queda do governo pela criminalização de seus acertos. Certamente não faríamos isso. Não aqui.

Convidados a escrever o Editorial para esta edição, v.14, nº 1/2017, da Revista Thema, da qual somos leitores, guiou-nos a consciência da honra de abrir mais um número de um veículo de divulgação científica de boa qualidade para profissionais, pesquisadores e estudantes das Ciências Agrárias, Biológicas, Exatas e da Terra, Ciências Humanas e Linguística, Letras e Artes; para estes sujeitos, recomendamos a sua apreciação.

Uma vez que o editor confiou-nos a escolha do tema a abordar, optamos por dissertar sobre nossa pesquisa, ainda em andamento. Trata-se, portanto, de um escrito que reúne alguns achados iniciais. A pesquisa pretende identificar as compreensões de Karl Marx a respeito dos deficientes. O que faremos aqui, então, é detalhar as concepções expostas por Marx a respeito dos idiotas e imbecis em sua obra "O capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital¹".

Deixemos, portanto, de lado os que têm cumprido tão desprezíveis papéis na história recente da teoria social e da prática política e concentrarmo-nos na honrosa tarefa que nos foi confiada.

A influência do trabalho de Marx faz-se sentir em diversas áreas do conhecimento – tais como aquelas que a Revista Thema envolve – e nos trabalhos de diferentes autores. Na Educação e Psicologia, por

¹ MARX, K. O capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

exemplo, L. S. Vygotski foi um dos pesquisadores que manifestou, abertamente, aproximação com as obras de Marx para a construção de suas proposições teóricas (VYGOTSKI, 1997a)², inclusive de sua defectologia³ (VYGOTSKI, 1997b)⁴. Estudos aprofundados a respeito da obra de Marx são relevantes, porque (também) podem auxiliar uma melhor compreensão dos trabalhos de diferentes autores que nele se embasaram para a realização de seus trabalhos.

Decidimos começar essa empreitada com uma análise breve, sem aprofundamentos, do livro *O capital*, aquela que é a “grande obra de Marx” (ALTHUSSER, 2013, p. 39)⁵. Antes, porém, devemos explicitar o que significam, para este editorial, as palavras “idiota” e “imbecil”.

“Idiota” e “imbecil” eram as palavras que designavam o quadro de atraso mental dos sujeitos, por volta de 1886⁶. Pessotti (1984)⁷ apresenta registros de utilização destas palavras, em seus significados, antes mesmo desta data, e que perdurou até o início do séc. XX. Barroco (2007)⁸ descreve uma interessante distinção entre esses dois quadros. De um lado, o idiota teria um nível de desenvolvimento que não chegaria a três anos de idade, em comparação com crianças sem esse acometimento; seriam indivíduos com grandes problemas mentais, ausência de linguagem, capazes de algumas aquisições e treinamento. De outro lado, os imbecis seriam considerados sujeitos com capacidades semelhantes às das crianças sem deficiência intelectual, com cerca de dois a sete anos de idade; os imbecis seriam, pois, “(...) aqueles indivíduos com profundo atraso mental, pouco capazes para atividades individuais direcionadas, devido aos transtornos nos processos cognitivos e na esfera emocional volitiva.” (p. 292).

² VYGOTSKI, L. S. El significado histórico de la crisis de la psicología. Una investigación metodológica. In: *Obras escogidas*. Problemas teóricos y metodológicos de la Psicología. 2. ed. Madrid: Visor, 1997a. p. 257-407.

³ “Defectology is the term that reflects the area of Vygotsky’s research and practice that is relevant to contemporary special education and school psychology. The term itself sounds rather degrading. (...) this term would not survive a scientific discussion in the Western world today because it carries too many negative connotations regarding individuals with a disability. Ironically, the negative undertone of the term itself is in no way present in the inspiring and positive attitude of Vygotsky writings. The word defectologia (or defectology in the English transliteration) literally means the study of defect”. [grifos do autor]. GINDIS, B. Remediation Through Education: Sociocultural Theory and Children with Special Needs. In: KOZULIN, A.; GINDIS, B.; AGEYEV, V. S.; MILLER, S. M. *Vygotsky’s Educational Theory in Cultural Context*. New York: Cambridge University Press, 2003. p. 200-221.

⁴ VYGOTSKI, L. S. *Obras Escogidas*. Fundamentos de defectología. Madrid: Visor, 1997b. T. V.

⁵ ALTHUSSER, L. Advertência aos leitores do livro *I d’O Capital*. In: MARX, K. *O capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 39-58.

⁶ MARCHESI, Á.; MARTÍN, E. Da terminologia do Distúrbio às Necessidades Educacionais Especiais. In: COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, Á. (org.). *Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

⁷ PESSOTTI, I. *Deficiência mental: da superstição à ciência*. São Paulo: T. A. Queiroz/Editora da Universidade de São Paulo, 1984.

⁸ BARROCO, S. M. S. *A Educação Especial do novo homem soviético e a psicologia de L. S. Vygotski: implicações e contribuições para a Psicologia e a Educação atuais*. 2007. 414f. Tese (Doutorado em Educação Escolar), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara.

Diachkov (1982)⁹ expõe que a idiotia e a imbecilidade – ao lado da debilidade mental, de que não nos ocuparemos neste momento – compreendiam dois dos três grupos de oligofrênicos¹⁰. O autor faz uma distinção entre os idiotas e imbecis, observando que há, na idiotia, “[u]n fuerte trastorno del desarrollo psíquico y físico, perturbaciones endócrinas, deformidades en la conformación del cráneo y del esqueleto.” O autor destaca também que os idiotas têm motricidade rudimentar, notando-se que “la coordinación de los movimientos está sensiblemente afectada, especialmente de los movimientos finos de las manos.” (p. 87).

Ainda segundo Diachkov (1982), os casos de imbecilidade se manifestavam de maneira menos expressivas, os quais compreendem “trastornos del desarrollo psíquico y físico, y se observan anomalias en la conformación del cráneo.” Os indivíduos afetados por essa forma de oligofrenia “dominan los elementos del lenguaje, pero su vocabulario es escaso y la pronunciación incorrecta. La motricidad de los imbeciles se caracteriza por una inhibición general.” (p. 87).

Karl Marx, na sua *magnum opus* O Capital, escrita e publicada pela vez primeira também na segunda metade do século XIX, emprega algumas vezes as palavras “idiota” e “imbecil”. Em alguns trechos em que tais termos são empregados, pode-se constatar um âmbito de significação consistente com os estudos da defectologia de então.

No decorrer do Capítulo 12, mais especificamente no item 5, intitulado “O caráter capitalista da manufatura”, Marx discorre sobre as repercussões sociais do trabalho técnico da manufatura, salientando que, como força produtiva do capital, ela provoca uma série de consequências na vida dos trabalhadores envolvidos. A primeira constatação do autor é que a produção manufatureira “aleija o trabalhador, converte-o numa aberração, promovendo artificialmente sua habilidade detalhista por meio da repressão de um mundo de impulsos e capacidades produtivas”. Percebe-se aqui a profunda oposição na formação do trabalhador sob o capitalismo; enquanto ser humano total, busca uma formação omnilateral, que lhe possibilite apropriar-se do seu ser omnilateral; entretanto, o processo produtivo da manufatura, longe de desenvolvê-lo como totalidade, fraciona seu próprio ser para torná-lo correspondente ao trabalho parcelado. Por isso, Marx prossegue a exposição afirmando que “[n]ão só os trabalhos parciais específicos são distribuídos entre os diversos indivíduos, como o próprio indivíduo é dividido e transformado no motor automático de um trabalho parcial.” (MARX, 2013, p. 434).

⁹ DIACHKOV, A. I. *Diccionario de defectologia*. Ciudad de La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1982.

¹⁰ A oligofrenia foi definida como “*forma especial del desarrollo psíquico deficiente, que surge por diferentes causas*” (...) [grifos do autor] (DIACHKOV, 1982, p. 86).

Fundamentalmente, o autor argumenta que o enriquecimento do capital é condicionado pela perda das capacidades individuais do trabalhador. É no âmbito dessa discussão que, pela primeira vez, encontramos o termo “idiota” em *O Capital*. Marx aponta uma referência histórica concreta em que aparece uma situação semelhante ao que hoje poderíamos chamar inclusão subordinada, ou inclusão útil. O autor denuncia que “algumas manufaturas na metade do século XVIII tinham preferência por empregar indivíduos semi-idiotas em certas operações simples, mas que constituíam segredos de fábrica” (MARX, 2013, p. 436).

Dois aspectos são destacados pelo autor, a partir da compreensão da divisão manufatureira do trabalho como forma específica do modo de produção capitalista: o primeiro decorre do fato de que o desenvolvimento da inteligência depende, também, daquelas ocupações diárias dos trabalhadores. O sujeito que passa os dias realizando a mesma tarefa, repetida e adestradamente mecânica, tem tolhidas as condições de desenvolvimento intelectual. Desta forma, o trabalhador submetido a tais rotinas é colocado naquele horizonte da idiotia anteriormente definido por Barroco (2007), ou seja, que o idiota, embora com grave comprometimento mental, seria capaz de realizar determinadas tarefas, por meio de treinamento.

Uma vez aprendida a tarefa, aparece o segundo aspecto que emerge da constatação feita por Marx: qualquer pessoa pode executá-la, mesmo alguém com uma deficiência intelectual grave. Tal aspecto não nos parece depreciar o sujeito, nem estabelecer comparação para ampliação de capacidade de trabalho para os idiotas, mas está focalizado na ordem da remuneração da força de trabalho desses sujeitos na produção manufatureira: se a tarefa pode ser feita por qualquer um, tanto um idiota, quanto um trabalhador (sem necessidades especiais), o pagamento será cada vez menor, pois a tarefa não é complexa.

Outras vezes em que o termo idiota aparecerá n’*O Capital* será em notas de rodapé. A segunda, na nota 336, em tom sarcástico¹¹: “Enquanto isso, o sr. Capital do Vidro cambaleia, talvez tarde da noite, voltando do clube para casa, ‘pleno de abstinência’ e de vinho do Porto, a cantarolar idiotamente: ‘Britons never, never shall be slaves!’” (MARX, 2013, p. 337). A terceira, na nota 161, em que descreve as condições físicas de camponeses em diferentes localidades, indicando que, estando sujeitos a condições de subnutrição e insalubridade, tornam-se “um povo debilitado e escrofuloso”. E arremata que a esse estado de miséria física “se acrescenta uma praga ainda maior: a propagação do idiotismo” (MARX, 2013, p.

¹¹ OLIVEIRA, F. Ler *O capital*. In: MARX, K. *O capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 4-6.

754). A quarta nota de rodapé que inclui o termo idiota é a 246, e ilustra a descrição a respeito da origem do sistema fabril: “Há não muitos anos, num convênio entre uma paróquia londrina e um fabricante de Lancashire, estipulou-se que o comprador, para cada vinte crianças sadias, teria de aceitar uma idiota” (MARX, 2013, p. 828).

A palavra “imbecil” é utilizada por Marx duas vezes em seu O Capital. Na primeira, aparece numa citação literal de Postlethwayt, em “First Preliminary Discourse”, incluída no Capítulo 8, no subtítulo “5. A luta pela jornada normal de trabalho. Leis compulsórias para o prolongamento da jornada de trabalho da metade do século XIV ao final do século XVII”. Marx inicia esta parte do livro chamando a atenção para o fato de que, para o capital, não existe, necessariamente, uma jornada de trabalho, ou seja, ela é tão longa quanto possível, “contém 24 horas inteiras, deduzidas as poucas horas de repouso sem as quais a força de trabalho ficaria absolutamente incapacitada de realizar novamente seu serviço” (MARX, 2013, p. 337). Segundo o autor, a usurpação do trabalho do operário leva a uma deterioração da sua força vital, acarretando, em última instância, o encurtamento de sua vida e a morte prematura. Ocorre, então, a substituição de um trabalhador por outro, dando força para a manutenção do mercado de trabalho. A referência a Postlethwayt está incluída em uma discussão com o autor anônimo de “An Essay on Trade and Commerce”. Postlethwayt, citado por Marx (2013, p. 347), chama a atenção para o preconceito corriqueiro, segundo o qual o trabalhador pobre trabalhará apenas o suficiente para viver, ou seja, se “conseguir obter em cinco dias o suficiente para viver, ele não trabalhará os seis dias completos.” O autor citado por Marx observa que essa opinião maledicente é usada pelos capitalistas para justificar o encarecimento dos meios de subsistência, o que seria apenas uma estratégia para forçar os trabalhadores a trabalhar mais dias e, assim, aumentar a produção. Então, contrapõe-se a tal embuste e discorda “desses grandes políticos, que lutam pela escravidão perpétua da população trabalhadora desse reino (*the perpetual slavery of the working people*); eles esquecem o ditado de que “*all work and no play*” (apenas trabalho e nenhuma recreação) imbeciliza.” E ainda prossegue o mesmo autor citado, afirmando que a grande capacidade dos trabalhadores ingleses, que faz afamadas as mercadorias britânicas, é provável que se deva ao fato de os trabalhadores saberem e terem oportunidade de se divertir. “Se estivessem obrigados a trabalhar o ano inteiro, todos os seis dias na semana, repetindo continuamente a mesma operação, não acabaria isso por sufocar sua genialidade e torná-los estúpidos e lerdos, em vez de atentos e hábeis?

A citação, que não é de Marx, não propõe uma relação necessária de causa e efeito entre trabalhar exageradamente e “tornar-se” imbecil; apenas alerta para o fato de que uma jornada de trabalho longuíssima extenua todas as habilidades do trabalhador. Ao trabalhar demais, não sobra tempo para o

sujeito realizar outras atividades, portanto, tem uma rotina limitada. Isso não lhe permitiria desenvolver a totalidade – ou ao menos algumas – das suas potencialidades humanas.

Na segunda e última vez em que a palavra imbecil aparece na obra em estudo, ela compõe um ditado e seu significado não apresenta qualquer relação oportuna para este estudo, podendo ser desconsiderada para nossos propósitos.

É hora, então, de apontar algumas possíveis conclusões parciais e indicativas para futuras investigações, resultantes da breve análise até aqui desenvolvida.

Antes de tudo, é imperioso ressaltar que as concepções expostas por Marx a respeito dos idiotas e imbecis n'O capital não podem ser tomadas como único referencial para embasar um estudo na área da Psicologia ou da Educação, porque não estão suficientemente desenvolvidas na sua obra. Ademais, nos escassos excertos que fazem referência aos idiotas ou aos imbecis na obra que analisamos, não se percebe a mesma preocupação demonstrada em Diachkov (1982), que busca estabelecer a diferença que há entre definições ou características dos dois grupos de oligofrenia citados. Marx, por seu turno, parece tratar os dois fenômenos indistintamente.

A obra O Capital busca estabelecer um rumo para entender o modo de produção capitalista e o resultado do trabalho desenvolvido sob sua lógica. Assim, no sentido de seu propósito geral, permanece atual para a realidade brasileira. Mas o que dizer de uma possível abertura para o tema específico da idiotia e da imbecilidade?

É certo que não se podem extrair conclusões fortes e definitivas a partir de um estudo preliminar. No entanto, ainda que tênues e provisórios, há rastros a serem perseguidos, que nos levam a crer no potencial produtivo de tal investigação. Por ora, os indícios que conseguimos levantar vão em duas direções.

Primeiro, há uma sugestão de que o estudo da deficiência e dos distúrbios mentais precisa tomar em conta a lógica produtiva do sistema do capital. As condições sob as quais os trabalhadores desenvolvem suas atividades e a extensão das jornadas laborais são vetores decisivos da insanidade. É preciso, pois, colocar sob criteriosa análise científica certas atitudes como as do novo governo federal do Brasil, que pretende aumentar a jornada de trabalho diária e semanal¹², sem ter feito qualquer estudo sobre o impacto dessa proposta na saúde do trabalhador, tal como estuda Marx (2013). Mas além dessas

¹² Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/2016/09/08/governo-temer-quer-aumentar-jornada-de-trabalho-para-12h-6>

condições que o capitalismo invariavelmente impõe aos trabalhadores, pensamos, especialmente, no caráter essencialmente mecânico de suas tarefas, que além de embrutecer os sujeitos, restringe a tal ponto o desenvolvimento das potencialidades humanas que pode levar, até mesmo, ao aniquilamento mental. Assim, importa seguir investigando a linha da formação e da deformação social da mente ou, em outros termos, a ideia da deficiência como resultado social do modo de produção capitalista.

Segundo, é possível encontrar sinais na obra de Marx de que também o campo da deficiência e dos distúrbios mentais não está livre do afã de incluir todos os sujeitos na lógica pragmática da exploração da força de trabalho. Por um lado, a incorporação pelas máquinas do saber do artesão permite a simplificação de tarefas a tal ponto que praticamente isenta alguns trabalhadores de qualquer atividade mental. Com isso, abre-se espaço para a exploração em nível exponencial. Por outro lado, as políticas sociais, como as de cotas, o mais longe que conseguem chegar é a busca por algum espaço de participação na produção social da existência, mesmo que tal espaço não consiga ir muito além da simples inclusão na lógica perversa do capital.

Bento Selau¹³

Universidade Federal do Pampa

Avelino da Rosa Oliveira¹⁴

Universidade Federal de Pelotas

diarias/

¹³ Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pampa. E-mail: bentoselau@gmail.com

¹⁴ Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UFPeL). E-mail: avelino.oliveira@gmail.com